

Frente não muda seu vice

SÃO PAULO — Os três partidos que compõem a Frente Brasil Popular (PT, PC do B, PSB), que dá sustentação ao candidato do PT à Presidência da República, Luis Inácio Lula da Silva, descartam qualquer possibilidade de substituição do candidato a vice, senador José Paulo Bisol (RS), por político de outro partido em função de uma aliança política para disputar o segundo turno. “A troca do nosso vice está fora de cogitação”, garante o secretário-geral do PT, o deputado estadual paulista José Dirceu. “Isso é uma coisa inegociável”, diz Vladimir Pomar, coordenador nacional da campanha de Lula. A posição ficou definida na noite de anteontem, após uma reunião em São Paulo entre os principais dirigentes da Frente.

Apesar de aguardarem os resultados da apuração da eleição feita pelo Tribunal Superior Eleitoral para oficializar as negociações com os “partidos progressistas”, os dirigentes da coligação já estabeleceram condições para a concretização de acordos políticos. “Qualquer aliança se fará em torno de um programa de governo”, sustenta José Dirceu.

O PT pretende, por exemplo, deixar para um segundo momento o estabelecimento de acordos com os setores do PMDB que defendem a implantação do parlamentarismo no país antes de 1993, data definida pela Constituição para a realização de plebiscito nacional sobre o assunto. Essa disposição dos petistas, inclusive, pode atrapalhar a possibilidade de um acordo até com o PSDB, partido que tem o parlamentarismo como item de seu programa.

“Se o PSDB caminhar para a proposta de parlamentarismo, a aliança fica praticamente inviável”, prevê Dirceu. Segundo ele, a “proposta de implantar o parlamentarismo já é golpe e fica parecendo o mesmo que fizeram em 1961 com o João Goulart”. Segundo o PT, a mudança só pode ser discutida em 1993.

Atentos à apuração, os dirigentes do PT procuravam transmitir a idéia de que o partido não se recusará a discu-

tir as propostas de aliança vindas de partidos como PCB, PSDB e PDT. “Estamos abertos a negociações”, insistia, em tom cauteloso, Vladimir Pomar. Segundo os petistas, a base para a formalização de composições passa por um acordo em questões como dívida externa, reforma agrária, democratização da sociedade e política de distribuição de renda.

Mas as primeiras articulações já estão em andamento. O secretário-geral do PT conversou anteontem pelo telefone com o presidente da seção paulista do PSDB, deputado federal José Serra, sobre a viabilidade de uma aliança. Na tarde de ontem, dirigentes do PCB se reuniram em Brasília com representantes do PT e PDT separadamente. Caso se configure mesmo a passagem de Lula para o segundo turno, o comando de sua campanha insistirá na tese de que o que estará em disputa será “a luta do pobre (Lula) contra o rico (Collor)”.

Angústia — Diante de seis aparelhos de televisão, cada um sintonizado em um canal diferente, os integrantes do comando eleitoral de Lula acompanhavam ontem, tensos, a evolução das apurações do TSE. A euforia do dia anterior cedera lugar a uma torcida otimista, porém discreta. “Estou muito nervoso. Não gosto de ficar parado sem ter uma definição”, resumia Jair Meneguelli, presidente da Central Única dos Trabalhadores, braço sindical do PT.

Fumando muito e andando de um lado para outro dentro do barracão onde está instalada a assessoria de imprensa de Lula, o líder da CUT era o mais angustiado de todos. Para tentar relaxar, Meneguelli chegou a ensaiar algumas pedaladas em uma bicicleta guardada no comitê. A animação começava a voltar à medida que os boletins transmitidos pela Rede Globo mostravam a diminuição da diferença que separava o candidato do PDT, Leonel Brizola, de Lula. No final da tarde, aumentava a convicção de que, enfim, os petistas já podiam respirar aliviados. “Essa aí é nossa, o quadro é irreversível”, acreditava José Dirceu.